

MAIRA APARECIDA MICHELON

**Moeda Social como instrumento de desenvolvimento local: o caso do
Banco Palmas**

Artigo apresentado à disciplina
Trabalho de Fim de Curso como
requisito parcial à conclusão do curso
de Ciências Econômicas, Setor de
Ciências Sociais Aplicadas,
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Maria
Maia

CURITIBA
2009

TERMO DE APROVAÇÃO

MAIRA APARECIDA MICHELON

Moeda Social como instrumento de desenvolvimento local: o caso do Banco Palmas

Artigo aprovado como requisito parcial para a conclusão do curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



Orientadora: Prof. Dra. Denise Maria Maia



Prof. Dr. Maurício Aguiar Serra



Prof. Dr. Blas Enrique Caballero Nuñez

Curitiba, dezembro de 2009.

Moeda social como instrumento de desenvolvimento local: o caso do Banco Palmas.

MICHELON, Maira Aparecida*

Acadêmica do Curso de Ciências Econômicas, UFPR

RESUMO – Este artigo objetiva apresentar através de revisão bibliográfica, como a moeda social pode ser um instrumento de desenvolvimento local. Para isso foram utilizados conceitos de desenvolvimento, moeda social, moeda nacional e meios de pagamentos. Foram analisados na forma de estudo de caso documentos e estudos disponíveis até o ano de 2008 que tratam da história que antecede a criação do Banco Palmas, situado no Bairro Palmeiras, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará. Para subsidiar o referido estudo, foram utilizados materiais bibliográficos produzidos pelo próprio Banco e, especialmente, resultados de pesquisa realizada pela Universidade Federal do Ceará para se obter uma caracterização e conclusão sobre as mudanças geradas após a criação do Banco Palmas, bem como a implantação da *moeda social Palmas* e os Projetos que a acompanham. Neste trajeto avaliou-se que esta moeda trouxe benefícios à comunidade através de aumento do poder de compra e ocupação no mercado de trabalho, envolvendo qualitativamente também questões como a melhoria da auto-estima dos moradores, nível de qualificação profissional, cultural e relações interpessoais dentro da comunidade.

Palavras chave: desenvolvimento. moeda social. economia solidária. Banco Palmas.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento como objetivo de diversas comunidades e governos inclui a melhoria de qualidade de vida para as pessoas. O objeto considerado neste trabalho é a moeda social, representada pela *moeda social Palmas*, através da qual se pretende apontar como, a partir de iniciativas da própria comunidade, métodos monetários podem auxiliar no desenvolvimento e atingir melhores níveis econômicos, sociais, culturais e educacionais. Portanto, este artigo objetiva explicitar a moeda social como um instrumento monetário capaz de levar o desenvolvimento à uma determinada localidade. Para isso o estudo de caso focaliza o funcionamento desta moeda bem como os reflexos dela na comunidade local. Trata-se assim da Moeda Palmas utilizada pela comunidade do Conjunto Palmeiras na Cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, administrada pelo Banco Palmas, uma Organização Não-Governamental (ONG) situada no referido bairro.

Para discutir essas questões, estruturou-se o texto em cinco partes que antecedem as conclusões finais. Sendo que os itens visam responder de que maneira é possível gerar desenvolvimento para uma comunidade. Inicialmente os aspectos teóricos do trabalho abordam os conceitos de desenvolvimento local e de moeda social, comparando-a com a moeda nacional. Apresenta-se também exemplos da aplicação da moeda social ao longo do tempo, mundialmente.

Segue um breve histórico da constituição da comunidade para posteriormente tratar do funcionamento da Moeda Palmas e todos os Projetos que giram em torno desta moeda. Percebe-se nesta seção o conjunto das atividades desenvolvidas e tudo coordenado pelo Banco Palmas, uma ONG criada pela Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras.

Após a análise do funcionamento do sistema e da circulação da moeda juntamente com os Projetos da comunidade, é relatada a participação dos colaboradores nos Projetos.

Posteriormente são abordadas as dificuldades e necessidades do Banco Palmas e seus projetos. São relatados problemas relacionados ao comportamento da população e seu posicionamento em relação a organização e efetivação dos projetos. Também as necessidades relacionadas aos custos dos projetos, o próprio funcionamento do Banco e as pessoas envolvidas nestes.

Na última parte é abordado o desenvolvimento no Bairro Palmeiras, através dos resultados de uma pesquisa realizada pela Universidade Federal do Ceará (UFC) que objetivou revelar o impacto econômico e social do Banco Palmas na comunidade, bem como da constatação *in loco* realizada pela a autora. Destaca-se a aceitação da comunidade em relação à implantação da moeda social, do microcrédito e demais Projetos.

Ao final algumas considerações conclusivas são registradas, especialmente no que diz respeito ao objetivo pretendido.

2 MOEDA, MOEDA SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL.

A moeda, em suas diferentes formas materiais e escriturais, é um instrumento econômico e tem seu papel na economia como facilitadora das trocas de mercadorias por servir de meio de pagamento, unidade de conta e reserva de valor. Ela promove assim a interação entre os agentes que se tornam interdependentes e os processos mais ágeis e flexíveis em um sistema de trocas diretas e indiretas. Desta forma a moeda tem como função primeira a intermediação das trocas e, sendo assim, a compra e venda pode ocorrer em tempos diferentes utilizando-se a moeda como meio de pagamento. Como unidade de conta, é utilizada na fixação de valores em contratos e constitui a representação intangível do mesmo. Finalmente, na função de reserva de valor considera-se a possibilidade do seu uso à vista ou em mercados futuros.

Desta forma a moeda tornou-se um importante instrumento do capitalismo, cujo sistema monetário é articulado de forma a potencializar estas funções da moeda, bem como o objetivo de gerar a acumulação capitalista, protegendo o dinheiro dos investidores. O desenvolvimento desses sistemas beneficiou especialmente as camadas mais favorecidas com prejuízos para os mais pobres.

O sistema monetário adotado no Brasil e em outras partes do mundo é controlado pelos respectivos Bancos Centrais que tem o poder de instituir um curso forçado da moeda que deveria atender a sociedade em sua totalidade. No entanto, em momentos de crise na história das sociedades, surgiram moedas alternativas criadas para cumprir um papel social que a moeda tradicional não alcança. Atualmente estas experiências estão se disseminando em vários lugares pobres do planeta.

Neste estudo da moeda social poderá ser percebido que ela, além das funções da moeda nacional citadas acima, assume importâncias múltiplas que podem sofrer variações conforme seus objetivos. Cita-se, por exemplo: a reserva de valor que é relativizada, pois pode não ser mais interessante o entesouramento no “mercado solidário”. A moeda social pode também ser um meio de pagamento diferenciado, por se tornar uma solução para a escassez de moeda nacional, as formas de apropriação desigual e um estímulo ao desenvolvimento local. Através de

projetos criativos foi possível monetizar¹ a população local e utilizar para isso formas alternativas que envolvem a moeda social bem como outros métodos. Isto proporciona à comunidade maneiras distintas de trocar seus produtos e usufruir de benefícios (educação, cultura, etc.) sem necessitar do chamado papel moeda oficial em poder do público, neste caso o Real.

Segundo Búrigo (2001) os objetivos da moeda social são: fortalecer a organização comunitária, incentivar à criação de circuitos econômicos e culturais incluídos, combater a concentração financeira e inverter a lógica da desertificação monetária. Ele também comenta que estas moedas alternativas são uma maneira diferente de conviver e de realizar transações dentro dos grupos.

Segundo Sandra Magalhães a moeda Palmas é uma forma de complementar a moeda nacional por pensarem que esta leva a uma escassez monetária dificultando as transações e o conseqüente desenvolvimento. Como a moeda nacional e seu sistema financeiro não atende as necessidades da comunidade carente, a criação da moeda social pode suprir esta falta.

Para Blanc (199-, citado por Búrigo, 2001), moedas paralelas podem ser definidas como unidades de cobrança ou meios de pagamento, mas com aspectos diferentes das nacionais, instituídas oficialmente. As moedas paralelas garantem uma convertibilidade com a moeda oficial e podem estar sob controle da autoridade monetária nacional; elas também não servem para reserva de valor por não aplicar juros para gerar mais dinheiro. No caso do Banco Palmas existe um interesse por parte deles em ter um controle pelo Banco Central, o que está sendo discutido em diversas reuniões entre as partes.

A moeda social criada para um determinado local é um complemento aos meios de circulação existentes no país capaz de gerar desenvolvimento local: o valor dos bens em termos de moeda social é um reflexo do trabalho ao invés de uma especulação com fins lucrativos como ocorre com a moeda nacional. O objetivo daquela é a circulação constante, para estimular as atividades produtivas locais e beneficiar a comunidade, em vez do entesouramento, ganhos com juros, métodos que possam multiplicá-la dando-lhe um valor próprio; isto nos remete à citação de Mutirão Abopuru (2000, p. 16, citado por Burigo, 2001):

¹ Monetizar neste sentido trata-se de elevar o estoque de meios de pagamento ou a base monetária da economia em questão.

(...) não é um sistema alternativo e sim complementar à economia. Ela é produzida, distribuída e controlada pelos seus usuários. Por isso, o valor dela não está nela própria, mas no trabalho que vamos fazer para produzir bens, serviços, saberes e depois trocar com o resultado do trabalho dos outros. A moeda enquanto tal não tem valor, até que começemos trocar trabalho por trabalho. Aí então, ela vai servir de mediadora dessas trocas. Ela é diferente também porque a ela não está ligada nenhuma taxa de juros. Por isso não interessa a ninguém guardá-la, entesourá-la. Interessa, sim trocá-la continuamente por bens e serviços que venham responder as nossas necessidades. Esta moeda será sempre um meio, nunca um fim. Não será inflacionária nem jamais poderá ser usada como especulação.

Para Burigo (2001) e Barbosa (2007) as moedas sociais anulam a concentração monetária e aumentam a demanda efetiva; explicitam que o Banco Central dificulta o acesso ao dinheiro a todos que necessitam, baixando a demanda efetiva, pois não há disponibilidade de moeda para a compra de bens de consumo ou de produção.

O conceito de desenvolvimento de acordo com Ramada (2008), em um sentido amplo, é definido como uma interação de fatores econômicos, sociais, culturais e de meio-ambiente que contribuem para o crescimento em todos os âmbitos, materiais e imateriais. Tal processo pode iniciar na esfera local e abranger até a esfera mundial.

Direcionando-se o conceito para a esfera local encontra-se a contribuição de Buarque (1999, citado por Boiser, 1999, p. 10): “ desenvolvimento local é um processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população.” Ou seja, a própria comunidade local, como atora do processo, desencadeia o desenvolvimento através de suas atividades e lutas.

Na mesma linha de pensamento Vásquez-Barquero (1988 citado por Boiser, 1999, p. 11) detalha e contextualiza o conceito:

un proceso de crecimiento económico y de cambio estructural que conduce a una mejora en el nivel de vida de la población local, en el que se pueden identificar tres dimensiones: una económica, en la que los empresarios locales usan su capacidad para organizar los factores productivos locales con niveles de productividad suficientes para ser competitivos en los mercados; otra, sociocultural, en que los valores y las instituciones sirven de base al proceso de desarrollo; y, finalmente, una dimensión político-administrativa en que las políticas territoriales permiten crear un entorno económico local favorable, protegerlo de interferencias externas y impulsar el desarrollo local

Com essas referências reafirma-se a idéia do crescimento como condição necessária, mas não suficiente para o desenvolvimento. O trânsito efetivo aos diversos recursos de que dependem as pessoas para sobreviverem nem sempre resultam da desigualdade de renda, embora ela condicione o acesso aos recursos econômicos. Para contextualizar a moeda social mundialmente, este trabalho traz alguns exemplos de diversos casos de moedas criadas como alternativa em momentos de crise.

Em Lietaer (2000, citado por Búrigo, 2001) mostrou-se que em diversos momentos históricos e em diversas regiões utilizou-se da moeda social. Nas bibliografias que tratam de experiências semelhantes da década de 30 verificamos o caso da *Wära* na região de Baviera na Alemanha, onde um produtor de carvão endividado decidiu pagar seus funcionários com um bônus. Por sua vez estes pagaram suas dívidas aos comerciantes que o aceitaram devido à falta da moeda oficial, o Marco, em poder de seus clientes, e ainda convenceram seus fornecedores a também aceitarem. Assim a rede ampliou-se chegando a ter 2000 empresas participando do circuito em 1931, quando então o Banco Central alemão interditou o sistema.

Outro exemplo semelhante, também em Lietaer (2000, citado por Búrigo 2001), ocorreu em 1932 na Áustria, quando o prefeito de Worgl instituiu a circulação de bilhetes bancários que viabilizou diversas obras. Os referidos bilhetes circulavam 40 vezes mais que a moeda nacional devido aos juros invertidos o que propiciou o alcance do pleno emprego após dois anos do seu uso. Duzentas comunidades vizinhas aderiram ao sistema mas, como ocorreu na Alemanha, também foi interditado. A mesma idéia foi levada para os EUA em 1933 através do professor Irving Fischer da Universidade de Yale ,porém foi vetada da mesma forma por enfraquecer o poder federal. Na França, no mesmo período surgiram moedas paralelas em Nice, posteriormente em Cher e Marans, mas todas elas foram extintas por pressões políticas. Na década de 80 no Canadá criou-se o Local Exchange trading system (Lets) em meio a uma recessão econômica. O Lets expandiu-se para a Nova Zelândia em 1986, para a Austrália em 1987, e, no Reino Unido em 1985. O referido sistema inspirou outras experiências como o *systèmes d'échange locaux* (SEL) na França, sendo que muitos destes tiveram apoio dos governos.

O Instituto Strohalm de Desenvolvimento Integral (Instrodi) (2005) aborda um exemplo de rede que perdura até hoje, é o *Wirtschaftsring* – ciclo econômico (WIR),

uma moeda que nasceu na Suíça nos anos 30 em meio a uma crise econômica e foi a solução para a estagnação da época. A rede cresceu rapidamente e mesmo após o período de crise ela continuou ampliando seu cadastro de empresas devido às vantagens que apresentava como a não incidência de juros. Em 2005 a rede contava com 74 mil membros movimentando 1 bilhão de francos suíços (valores equivalentes ao WIR) contribuindo para o PIB suíço e criando liquidez no mercado.

Os novos métodos monetários como das moedas sociais e do microcrédito existem em diversas localidades do mundo, de forma a ajudar aqueles que são excluídos do sistema financeiro capitalista mundial, com um objetivo diferenciado dos sistemas oficiais: o de propiciar oportunidades e melhoria na qualidade de vida dos mais pobres, pois o foco destes sistemas é voltado para as camadas sociais menos favorecidas.

Para descrever como funciona a moeda social e seu papel no desenvolvimento econômico e social no Brasil, este trabalho adotou um estudo de caso, apresentado a seguir. Trata-se da experiência do *Banco Palmas* criado no Bairro Palmeiras da cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, com o qual procura identificar sua influência sobre a população local em termos de melhoria da qualidade de vida, inclusão social, emprego e renda. O Bairro conta com aproximadamente 30 mil habitantes distribuídos em 118 hectares, distantes 18 km do centro da cidade, segundo informações do próprio Banco,

3 A MOEDA SOCIAL DO BANCO PALMAS.

De acordo com Mello (2007) o Banco Palmas é um exemplo de um sistema monetário criado para completar o ciclo entre produtores, comerciantes e consumidores residentes do bairro Palmeiras através do microcrédito e da circulação da moeda Palmas. Os instrumentos utilizados atendem exclusivamente à demanda do bairro, cujos habitantes eram, na maioria, excluídos das possibilidades de acesso à renda e, portanto, do mercado consumidor. Embora se reconheça a impossibilidade e não se pretenda fechar a cadeia produtiva para o ambiente externo, pois nem todas as necessidades são atendidas internamente, suas ações viabilizam a economia local.

No Bairro Palmeiras a moeda Palmas é predominantemente a intermediadora das trocas entre os moradores. Eles acreditam que mantendo seu uso restrito ao Bairro retêm-se a riqueza dentro da comunidade sem que ela “escape” para as demais localidades e deixe a população com menor poder aquisitivo, ou seja, mais pobre, com escassez de moeda para suprir suas necessidades. Para eles, desta forma a moeda é mantida nas mãos dos moradores que, conseqüentemente, obrigam-se a consumir dentro do Bairro e incentivam o comércio e produção local.

Melo Neto e Magalhães (2003) retratam a história do Banco Palmas e explicam que ela tem estreita relação com a criação do Bairro Palmeiras em 1973. Na ocasião a comunidade que habitava a região da orla marítima foi remanejada pela Prefeitura de Fortaleza para um “loteamento” distante 18 km do centro da cidade. Essa ação é fruto da política local de uso do solo urbano, pois tratavam-se de regiões turísticas que eram motivo de especulação imobiliária como por exemplo a região da Praia do Futuro. Este novo local em que foram assentados não tinha absolutamente nada: nem casas nem a infra-estrutura necessária como ruas, rede de água, esgoto, energia, transporte e qualquer tipo de serviço público. Desta forma os moradores construíram seus barracos com lonas e iniciaram a ocupação do local, inicialmente de forma extremamente precária e desordenada. A população criou vínculos em meio às dificuldades e se mobilizou para enfrentar os problemas comuns, em prol da urbanização do bairro. Em 1981 foi criada a Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras- Asmoconp. O seu primeiro objetivo foi conseguir água tratada e também a drenagem, pois ocorriam enchentes constantemente.

Segundo Melo Neto e Magalhães (2003) em 1991 ocorreu o I Seminário Habitando o Inabitável, como uma iniciativa das lideranças locais para discutir os problemas entre os moradores. Através de mutirões remunerados e gerenciados pela Associação bem como com diversas parcerias e com o poder público e agências de cooperação, a efetiva urbanização do bairro iniciou-se somente a partir da década de 90. Saneamento, água, luz, ruas e praças surgiram durante este período, quando um novo problema foi identificado e, durante o II Seminário Habitando o Inabitável, realizado em 1997, no bairro, concluiu-se que era necessário gerar trabalho e renda para os moradores, pois havia a necessidade de pagar as taxas que chegaram com o progresso, como água, luz e IPTU, o que estava ocasionando uma evasão dos moradores devido a estas dificuldades.

Desta forma em 1998 foi criado o Banco Palmas, resultado do enfrentamento e resistência da população local aos obstáculos de acesso a crédito, criados pelo sistema bancário nacional. Com o objetivo de emprestar dinheiro com juros baixos e sem as exigências dos bancos convencionais, O Banco Palmas cria uma rede de solidariedade na comunidade.

Foram vinte e cinco anos de experiência organizativa da comunidade que lhes proporcionaram a possibilidade de identificação precisa dos seus problemas e dos caminhos de sua superação. Durante o ano de 1997 foram realizadas inúmeras reuniões com a comunidade para idealizar uma forma de confrontar o sistema bancário comercial que não auxiliava no desenvolvimento da comunidade, objetivando resolver o problema de renda local. Os bancos comerciais não auxiliavam a comunidade pobre de Palmeiras, não realizavam empréstimos devido às restrições de cadastro dos moradores e à falta de credibilidade com relação a quitação de dívidas. O Banco Palmas foi a concretização do desejo da comunidade de conseguir suprir suas necessidades de financiamento.

Pode-se constatar em Melo e Magalhães (2003) que o Banco iniciou com um caixa de R\$ 2000,00 (dois mil reais), de uma doação da ONG Cearah Periferia, (Centro de Estudos, Articulação e Referência sobre Assentamentos Humanos) destinado a financiamento de empreendimentos locais.² A instituição bancária criada informalmente, lentamente foi ampliando-se com a ajuda de diversos colaboradores e com o retorno das operações iniciais. Ao mesmo tempo, um clube de trocas funcionava através de uma feira; um cadastro de trocas solidárias de produtos e serviços ampliava a rede e então foi criada a moeda social do bairro, o Palmas, que é aceito em grande parte da comunidade. Alguns empreendimentos produtivos próprios para a geração de emprego surgiram; entre outros benefícios que serão explicitados a seguir neste trabalho.

A moeda social Palmas foi inspirada durante uma visita de Sandra Magalhães e Joaquim M. Neto, moradores do bairro, a um Seminário no Rio de Janeiro. Neste evento foi abordado por Heloisa Primavera o tema Economia Solidária e Moeda Social, com apresentação dos casos argentinos de clube de trocas e moeda social. A idéia foi levada para Fortaleza e desde então iniciou-se o processo de implantação

² Percebe-se que as entidades governamentais não tiveram participação, inicialmente, no processo de implantação do Banco Palmas que iniciou suas atividades com auxílio de ONG's.

da moeda no Bairro Palmeiras, primeiramente restrito ao Clube de Trocas (período de 2000 a 2002) e posteriormente expandido para toda a comunidade, que até então contava apenas com o Palmacard e a linha de crédito em Reais criados em 1998.

O uso da moeda social ocorreu inicial e experimentalmente no momento das trocas nas feiras para depois, gradualmente, no comércio local, expandir-se em todo o bairro Palmeiras. Desta forma as demandas da sua população são satisfeitas sem a intermediação da moeda nacional, inexistente como poder de compra aos que não obtém renda. O empecilho da moeda oficial, devido a sua escassez, foi superado com o uso apenas da moeda social (também chamada de bônus). Assim, a moeda social, criada pelos próprios participantes que interagem socialmente e cooperam entre si, que no caso de Palmeiras é o Palmas, dinamiza as atividades da comunidade. Com o uso da moeda social cria-se um ciclo econômico em que os bens são produzidos nesta região (através do microcrédito concedido em Palmas para investimentos) e comercializados na mesma, mantendo a circulação da moeda dentro do bairro e gerando emprego e renda dentro deste.

Desta forma a moeda pode gerar indiretamente externalidades positivas como aumento do bem-estar, educação e saúde devido ao aumento da renda e poder de compra local, bem como uma conseqüente redução da marginalidade e aumento da inclusão social através da ocupação pelo trabalho. Segundo relatos de Melo Neto (2000) o orgulho e a auto-estima dos moradores também são fatores visíveis pelo fato de viverem de uma forma mais digna e, especialmente porque é fruto do seu próprio trabalho, cooperação e solidariedade.

O Palmas, como moeda social, foi também instrumento do microcrédito em Palmeiras, utilizado através do Banco Palmas, gerenciado pela própria Associação de Moradores do bairro. Diferencia-se dos bancos tradicionais ao conceder empréstimos sem análise de crédito junto aos órgãos nacionais e com juros baixos, justamente para assegurar a criação de empreendimentos que gerem efetivamente renda e emprego. Além da questão financeira propriamente dita, existe um apoio através de acompanhamento dos processos administrativos, treinamentos e projetos visando a viabilidade do empreendimento e o desenvolvimento local sustentável.

De acordo com Melo Neto e Magalhães (2005) as intermediações financeiras através do Palmas (moeda social) são facilitadas pelos diversos métodos de pagamento criados pelo Banco Palmas. Estes métodos são relatados na seqüência deste trabalho exibindo as diversas formas de se ampliar os meios de pagamento

dentro da comunidade. A exemplo do sistema monetário oficial, tem-se como um dos métodos o cartão de crédito próprio. O Palmacard, objetiva estimular a circulação do dinheiro na comunidade bem como a solidariedade entre produtores e consumidores, possibilitando o acesso imediato às necessidades do cotidiano. O limite de crédito do Palmacard é concedido a partir do valor de R\$ 20,00 (vinte reais) e compras acima de R\$ 100,00 (cem reais) podem ser parceladas em até 3 vezes; os usuários do cartão não pagam anuidade nem juros, apenas os comerciantes pagam uma taxa de 3% de manutenção do sistema.

Outro método também citado por Melo Neto e Magalhães (2005) utilizado pelo Banco Palmas para gerar emprego e renda é o microcrédito concedido na moeda social Palmas. Ele é um sistema financeiro solidário que objetiva a criação ou ampliação de pequenos empreendimentos, sem consulta aos instrumentos de proteção de crédito tradicionais, como o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e Serasa Experian. A análise de crédito é feita através da "garantia da vizinhança" que é consultada, e manifesta-se sobre a credibilidade do interessado no crédito. O depoimento também inclui avaliação da viabilidade econômica do empreendimento dentro da rede da comunidade. Os juros dos empréstimos variam de acordo com o valor emprestado. Para empréstimos até R\$ 300,00 (trezentos reais) a taxa mensal é de 2%, valor até R\$ 500,00 (quinhentos reais) é de 2,5% enquanto para empréstimos até R\$ 1.000,00 (mil reais) é de 3%. Segundo Sandra Magalhães a taxa de inadimplência fica abaixo de 2%.

O Banco Palmas abriu uma pequena linha de crédito voltada à agricultura, onde se cultiva plantas medicinais, hortaliças, frutas; cria-se galinha caipira, possuem um tanque de compostagem de lixo e um minhocário. Para a concretização deste projeto, o Palmoricó, os interessados recebem uma visita de um técnico agrícola e um treinamento específico para a prática escolhida.

Um Clube de Trocas, uma Loja Solidária e uma Feira dos Produtores Locais também fazem parte da metodologia de ação do Banco Palmas para a comercialização do que é produzido pela comunidade. Nessas transações é sempre utilizada a moeda social como meio circulante.

No Clube de Trocas os produtores e consumidores se reúnem semanalmente para realizarem suas trocas em gêneros alimentícios, vestuário, etc; os produtos são apresentados em uma breve reunião antes do início das trocas e são decididos os preços na moeda social Palmas. A decisão dos preços se baseia nos preços de

mercado em Reais de um produto similar e, este processo de escolha de preços ocorre novamente se houver a entrada de produtos novos. Após a fixação de preços iniciam-se as trocas.

Inicialmente a moeda social, que antes se chamava Palmares, era usada somente dentro do Clube. Durante dois anos (2000 e 2002) funcionou bem desta forma, mas o Clube de Trocas perdeu sua força. Identificaram o problema quando Heloisa Primavera entrevistou a comunidade e verificou que a maior necessidade da população era alimentação e o Clube não atendia plenamente essa demanda. Portanto foi vital a expansão do Palmas para todo o bairro e assim poder suprir essa necessidade de consumo dos mercados locais.

A Loja Solidária é um espaço dentro da Asmoconp utilizado para a comercialização dos produtos locais, inclusive os livros e materiais educativos do Banco Palmas. Por esse serviço 1% do valor vendido é direcionado para a manutenção da mesma, e o restante é repassado aos produtores que deixam suas mercadorias ali.

Melo Neto e Magalhães (2008) relatam que na Feira dos Produtores Locais que acontece semanalmente, em uma avenida centralizada do bairro, os produtores que obtiveram crédito no Banco Palmas podem lá vender suas mercadorias. Ao mesmo tempo em que os produtos são comercializados, ocorrem manifestações culturais no local, como forma de marketing e estímulo aos artistas locais. Toda a infra estrutura e manutenção da Feira é de responsabilidade do Banco (barracas, montagem, animadores, etc.) e este fica com uma participação de 2% das vendas.

Segundo esses autores, para a redução de custos na compra de insumos dos empreendedores e da população do bairro, foi criado um sistema de Compras Coletivas que gera ganhos nas compras devido a grande quantidade negociada e a redução nos custos de transportes. Assim, todos os interessados fazem uma lista das compras que são feitas mensalmente e distribuídas em determinada data.

Dentre os empreendimentos do Banco Palmas cabe ressaltar os de cunho educacional e produtivo: o Palmafashion, o Palmalimpe, a Palmart, a Palmatech e a Incubadora Feminina. Três destes empreendimentos produtivos funcionam dentro da Asmoconp, com crédito do Banco Palmas e cursos de capacitação ofertados pela Palmatech ou parceiros; o Palmafashion confecciona roupas, o Palmalimpe produz produtos de limpeza e a Palmart produz artesanato. Cada empreendimento funciona como uma empresa administrada pelos próprios trabalhadores.

A Palmalimpe é a única empresa propriamente dita, com Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) CNPJ, responsáveis jurídicos e químico; as demais tem perfil de empresa mas funcionam como parte integrante do Banco e são, na maioria, administradas por trabalhadoras como uma cooperativa. Esta ação pode ser comparada com a das Incubadoras ou de Projetos Sociais, em que o Banco disponibiliza o espaço para trabalhar, o crédito e todo suporte administrativo até que estas sejam auto-sustentáveis. Os trabalhadores do Banco Palmas são voluntários, estagiários e funcionários contratados formalmente; no caso dos empreendimentos "cooperados", os lucros são divididos entre os trabalhadores.

A Palmatech é uma escola que oferece cursos profissionalizantes, de gestão de empresas solidárias, de redes e instrumentos de economia solidária; ela objetiva capacitar produtores e consumidores solidários e difundir a Economia Solidária através de materiais pedagógicos e publicações.

Na Incubadora Feminina 20 mulheres em situação de risco pessoal e social são selecionadas para passar 9 meses recebendo atendimento médico, psicológico, nutricional, jurídico, cursos de línguas e capacitação profissional. Elas ainda podem receber crédito do Banco para inseri-las social e economicamente na comunidade.

É importante destacar a política de estímulo ao comércio local, pois nas trocas que utilizam a moeda social Palmas os compradores usufruem de um desconto. Os comerciantes efetuam descontos se o comprador pagar em moeda social, se eles estivessem vendendo em Reais estariam recebendo este valor que é descontado, o que provoca uma diferença na receita deles, pois no momento de trocar Palmas por Real no Banco Palmas haverá a paridade um para um. Embora essa prática possa acarretar uma certa perda para os comerciantes e produtores, isto é bem aceito pelos participantes pois funciona como forma de ampliação das vendas e como processo de conscientização da comunidade em relação ao uso da moeda social para o desenvolvimento local. Essa constatação pode ser verificada na seqüência deste trabalho que apresenta os resultados da pesquisa realizada pela universidade. Também é levado em consideração pelos comerciantes o fato de que aceitando o Palmas eles têm um ganho na demanda por seus produtos pois esta moeda torna-se um atrativo para os consumidores locais.

4 SINERGIAS NECESSÁRIAS PARA O FUNCIONAMENTO DO BANCO

Diversas parcerias foram realizadas ao longo do tempo. O Banco Palmas está desenvolvendo, juntamente com a organização ecologista holandesa Aktie Strohalm, o Projeto Fomento que consiste na multiplicação da moeda por dois, clonando a moeda nacional em moeda social.

O Banco construiu uma escola no valor de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) com o dinheiro doado pela referida ONG. Este valor em reais utilizado para o microcrédito deve ser quitado com o Banco Palmas em moeda social Palmas. Como contrapartida, o mesmo valor foi investido em Palmas para a realização da obra da escola, ou seja, toda mão-de-obra e material da obra foi pago em Palmas para circular no bairro. Desta forma o valor de R\$ 50.000,00 transformou-se em 100 mil Reais, metade para microcrédito em Reais e metade para despesas em moeda social Palmas.

No Banco Palmas ([2008]) é apresentado que para a concretização dos Projetos os parceiros foram e são fundamentais. Na Palmatech os professores são de diversas instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), o Instituto Florestan Fernandes, o (Fundo de Amparo ao Trabalhador/Programa Estadual de Qualificação (FAT/PEQ), a Agência de Desenvolvimento Solidário, e os voluntários entre outros.

Os órgãos públicos também tem sua participação no desenvolvimento do Banco como por exemplo com o Programa de Viabilização de Espaços Econômicos para a População de Baixa Renda (PRORENDA) que auxilia na urbanização do bairro desde 2002.

A Universidade Federal do Ceará também contribui com a realização de pesquisas junto à comunidade e com a divulgação dos resultados. Desta forma manifesta a credibilidade da população na experiência do Banco Palmas. Atualmente esta experiência serve como laboratório para diversos estudantes que visitam e acompanham os projetos.

A Secretaria Nacional de Economia Solidária, bem como o Banco do Nordeste e o Banco Popular do Brasil são importantes parceiros. Atualmente os Planos de Desenvolvimentos projetados pelo Banco Palmas são realizados em conjunto com estes Bancos.

Na sede do Banco Palmas há dois caixas para atender seus clientes. O sistema do Banco funciona em conjunto com o Banco do Brasil. Portanto, clientes do Banco do Brasil também podem efetuar saques e pagamentos de suas contas. Estas transações podem ser realizadas igualmente no caixa eletrônico de auto-atendimento localizado dentro do Banco Palmas.

Diversos parceiros contribuíram para a concretização do Banco Palmas, seja de forma financeira, intelectual ou mesmo com doação de trabalho dos voluntários. Os trabalhos em parceria são uma luta constante e presente na discussão diária dentro da comunidade, pois eles constituem o alicerce da realização dos projetos. Este é um dos temas a ser retomado no tópico seguinte que trata das necessidades locais.

5 PROBLEMAS E NECESSIDADES

Conforme relato de Melo Neto e Magalhães (2008) que os empreendimentos realizados pelo Banco Palmas tem grande influencia na vida da população local. Mas nem todos os resultados são ou foram os esperados. Muitas dificuldades surgem durante a execução dos projetos e a cultura individualista pode ser mais forte que a prática do solidarismo, dificultando os projetos que necessitam de cooperação para atingirem seus objetivos. Essas dificuldades são de toda ordem: para arrecadação de recursos devido a situação jurídica do Banco que impede a captação financeira, a confiabilidade da própria comunidade em si mesma, a baixa escolaridade da população exigindo maior tempo para treinamento e execução dos trabalhos, preços dos produtos locais pouco competitivos devido a baixa produção e tecnologia empregadas.

A necessidade de buscar constantemente parceiros comprometidos com a causa do Banco Palmas e que viabilizem os projetos até que estes sejam auto-sustentáveis é imprescindível para a manutenção e avanço dessa experiência. A consolidação de cada conquista está associada ao processo do coletivo. Para isso é necessário divulgar os trabalhos e objetivos do Banco Palmas para que sejam atraídos mais recursos, pois esta é atualmente a única forma de captação do Banco.

A conscientização da comunidade no sentido de usar a moeda social para promover o desenvolvimento local é ainda um desafio diário para o banco Palmas.

Seu marketing adota campanhas que utilizam bicicleta com som, panfletos e diálogo com seus habitantes. São artifícios que o Banco utiliza para convencer a população local da sua importância. Parece contraditório mas, todavia existe a desconfiança de algumas pessoas que, aliada à falta de conhecimento levam alguns dos moradores à alienação do processo. Com isso ignoram alguns dos objetivos, como de melhoria do bem estar de todos, e atrasam a concretização do sucesso dos empreendimentos. Este processo negativo pode ser amenizado, mas isso é lento, e por isso é necessário tempo para que toda a comunidade interaja e faça sua parte, conscientizando-se do papel da cooperação para enfim desfrutar coletivamente dos resultados obtidos.

6 A COMUNIDADE SOB A ÓTICA DA UFC

Segundo os conceitos de Desenvolvimento Local abordados inicialmente pode-se considerar que as ações realizadas pela comunidade do bairro Palmeiras visam e estão estreitamente sintonizadas com eles ao utilizar métodos monetários para estimular o emprego e renda juntamente com projetos de inclusão social voltados para a educação e o cooperativismo.

Com o intuito de reforçar a presente análise, qual seja, de que esta moeda social trouxe de fato benefícios para a população local, utiliza-se aqui os resultados da pesquisa realizada pela Universidade Federal do Ceará, dentro do bairro Palmeiras, que abordou vários aspectos da experiência em foco, inclusive os impactos da criação do Banco Palmas na melhoria da qualidade de vida da comunidade, bem como a importância da presença da moeda social neste processo.

É importante explicitar a metodologia utilizada na pesquisa conforme relatado em Silva Junior (2008), que referencia os dados apresentados a seguir. O universo pesquisado foi dos moradores do Bairro Palmeiras usuários dos serviços do Banco Palmas, como o Bairro-Escola, a Moeda Social, Microcrédito e Correspondente Bancário totalizando 2649 entrevistados. As técnicas utilizadas foram a pesquisa documental através do banco de dados disponível; a pesquisa bibliográfica analisando a literatura existente sobre o tema e finalmente a pesquisa de campo com aplicação de questionários, entrevistas e grupos focais com moradores,

beneficiários e representantes/parceiros dos projetos. A pesquisa iniciou em 21 de janeiro de 2008 sendo finalizada em 10 de fevereiro de 2008.

O objetivo da pesquisa foi avaliar os impactos gerados na comunidade local com a criação do Banco Palmas e seus projetos e saber qual a imagem gerada pelos benefícios do Banco aos seus usuários. Desta forma os consumidores, produtores e comerciantes do bairro puderam expressar suas opiniões e sugestões com relação ao Banco Palmas explicitando o que mudou em suas vidas após a criação do mesmo, ou seja, relatando aspectos do desenvolvimento local através da Economia Solidária. Neste trabalho é demonstrado os resultados gerais da pesquisa e enfatizado aspectos relacionados a moeda social local e suas conseqüências para a população do bairro.

A pesquisa permite uma caracterização da comunidade. Conforme Silva Junior (2008) a idade média da população entrevistada é de 34 anos, sendo 56,1% de mulheres e 54,5% do total casados. A grande maioria se considera de cor parda (66,8%) seguidos de 19,4 de brancos. Quanto ao número de pessoas que residem em uma casa os números indicam que uma boa parcela tem várias pessoas em uma casa: 41,1% disse que em sua casa reside entre 5 e 10 pessoas, enquanto 56,5% tem entre 1 e 4 pessoas na mesma casa, o que reflete aspectos de uma comunidade carente .

Dos entrevistados 75% possuem alguma atividade remunerada, sendo que a parcela que recebe menos de um salário mínimo (na época R\$ 380,00) é de 14,8% e 60% recebem até 2 salários mínimos como renda individual. Quanto a dados de nível educacional apenas 4,8% possuem ensino superior completo e, 38,7% concluíram o ensino médio. Um dado relevante de que denota que os entrevistados têm conhecimento da história do bairro em que residem e podem opinar sobre o seu desenvolvimento é o fato de que 86,9% deles tem mais de 11 anos de residência no Bairro Palmeiras enquanto que a média calculada na amostra é de 20 anos de residência.

Continuando a apresentação dos resultados desta investigação, de maneira geral a aprovação do Banco Palmas na comunidade local é alta: a pesquisa apontou que 60,1% dos entrevistados consideram ótima a atuação deste, seguido de 31,2% que considera bom e apenas 1,3% considerou ruim. Quando questionados se o Banco Palmas tem auxiliado no desenvolvimento do Bairro Palmeiras 98,02% responderam que sim. Com relação às vantagens dos financiamentos ofertados

43,93% dos entrevistados declararam que o juro baixo é o melhor atrativo, enquanto 27,27% acreditam que é a agilidade do sistema no sentido de não ter burocracias para realizar o empréstimo. Tratando-se das desvantagens dos empréstimos, 39,53% acreditam que os valores disponibilizados são muito baixos e que seria necessário um período de carência, segundo 17,82% dos entrevistados.

Destacadas as questões da pesquisa realizada para o foco deste trabalho, os entrevistados foram questionados se acreditam que a moeda social Palmas contribui para o desenvolvimento do local: 94% deles responderam que sim e, quanto ao motivo do uso dela pela comunidade, 43% afirmaram usar a moeda social para ajudar o comércio local e 22% pelo motivo do desconto nas compras. São respostas representativas e revelam a preocupação dos usuários com o bem-estar da sociedade em que estão inseridos bem como a importância da política de conscientização dos moradores com relação ao solidarismo. Do universo entrevistado 58% já utilizaram a moeda Palmas.

CONCLUSÃO

Vários foram os métodos que integraram a organização do Banco Palmas, todos eles caracterizam-se por estarem voltados ao desenvolvido local, focando a cooperação e o solidarismo. Por esse caminho a comunidade do Bairro Palmeiras viu o bairro desenvolver-se e a população progredir no sentido social e econômico. Os resultados deste processo foram comprovados por diversas fontes, entre as quais foram ressaltados aqui os compilados na pesquisa realizada pela UFC, divulgados em 2008; ela mostrou os reflexos positivos destas mudanças, utilizando-se de questões que incluem a moeda social e os diversos projetos realizados pela comunidade coordenados pelo Banco Palmas.

Foi apresentada a importância da contribuição da moeda social para o desenvolvimento. Pode-se certamente concluir que o método monetário adotado pela comunidade do Bairro Palmeiras foi eficiente no sentido de auxiliar o desenvolvimento local juntamente com os demais Projetos. Estes tiveram um papel coadjuvante meritório pois envolvem o uso da moeda Palmas, como por exemplo o microcrédito, considerado de grande relevância para o comércio e a produção local, bem como o Palmacard que atende a comunidade em geral. Os demais Projetos que possuem um sentido amplo visando melhoria de renda, qualificação profissional, redução de custos para os empreendedores e consumidores do bairro, inserção social e cultural de acordo com as necessidades e possibilidades da região alcançaram mais que objetivos econômicos: fomentaram o entusiasmo e devolveram a auto-estima à essa população.

A inserção da moeda Palmas criou diversos meios de pagamento no local, ampliou as opções da comunidade no sentido de suprir suas necessidades, de usar suas capacidades e realizar empreendimentos. Sendo assim este criativo método monetário abrange não somente a esfera econômica mas tudo que dela depende, como melhoria na educação, aumento das oportunidades de emprego e convívio social.

Outro aspecto a ser destacado é a participação constante da comunidade em prol de seus objetivos, sendo que é mérito de todos os envolvidos a realização dos Projetos bem como a difícil tarefa de captação de recursos junto aos colaboradores. Isto mostra que não é apenas a idéia de trabalhar a Economia Solidária que faz o

sucesso, mas sim a persistência da comunidade em atingir esses objetivos. É visível o orgulho que as pessoas da comunidade têm ao falar da sua moeda, criada por eles. Elas percebem o benefício alcançado porque participam dos projetos, elas são agentes ativos desde a idealização até a conclusão dos processos.

Vale salientar que o sistema adotado no Bairro Palmeiras tem repercutido mundialmente como pôde ser visto e comprovado em visita à sede do Banco Palmas pela autora, onde encontrou estrangeiros buscando estudar este sistema para implantar em outras localidades ou para fins acadêmicos. Dentro do Brasil algumas experiências semelhantes estão iniciando, principalmente no Estado do Ceará com a colaboração direta do Banco Palmas.

Por último cabe contextualizar a conjuntura favorável à esse tipo de experiência encontrada no âmbito das políticas públicas, mais sensível à necessidade de ações sociais capazes de amenizar os efeitos da crise e do desemprego.

Moneda social como instrumento para el desarrollo local: el caso del Banco Palmas.

RESUMEN – Este artículo tiene por objetivo presentar a través de la literatura, como la moneda social puede ser un instrumento de desarrollo local. Para eso fueron utilizados los conceptos de desarrollo, moneda social, moneda nacional y sistemas de pago. Fueron analizados como un estudio de caso, documentos y estudios disponibles hasta el año 2008 sobre la historia anterior a la creación del Banco Palmas, ubicado en el Barrio Palmeiras, en la ciudad de Fortaleza, Estado de Ceará. Para complementar este estudio se utilizaron los materiales bibliográficos producidos por el Banco y sobre todo los resultados de una encuesta realizada por la Universidad Federal de Ceará para obtener una caracterización completa y por lo tanto los cambios producidos después de la creación del Banco Palmas así como la aplicación de moneda social Palmas y los proyectos que lo acompañan. En este estudio se evaluó que esta moneda ha traído beneficios a la comunidad a través de un aumento del poder adquisitivo y el empleo en el mercado de trabajo que participan también las cuestiones cualitativas como la mejora de la autoestima de los residentes, el nivel de la cualificación profesional, cultural e interpersonal en la comunidad.

Palabras clave: el desarrollo. moneda social. la economía solidaria. Banco Palmas

REFERÊNCIAS

BANCO PALMAS. *Banco Palmas, uma pratica de socioeconomia solidária – Palmatech [Fortaleza]: [sn], [2008]. v.3.*

BARBOSA, R. N. de C., *A Economia Solidária como Política Pública: uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil.* São Paulo: Cortez, 2007.

BOISER, S. *Desarrollo (Local): ¿De qué estamos hablando?* Santiago de Chile, 1999.

BURIGO, F. L., *Moeda social e a circulação das riquezas na economia solidária.* 24f. Trabalho de Pós-Graduação (Análise Sócio-Política do Sistema Financeiro no Capitalismo Contemporâneo) – Curso de Pós Graduação Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas UFSC, Florianópolis, fev.2001.

INSTITUTO STROHALM DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL (INSTRODI). *Desenvolvimento Integral com métodos monetários: as ferramentas do Instrodi para ativar a economia brasileira.* Porto Alegre: Publicato Design Editorial, 2005.

Disponível em:

<http://www.instrodi.org/index.php?option=com_remository&Itemid=257&func=select&id=2>. Acesso em 13/09/2009.

MAGALHÃES, S. Fortaleza, 29 nov. 2009. Entrevista concedida a Maira Aparecida Michelin.

MELLO, S. L. de. et al. *Economia Solidaria e Autogestão: encontros internacionais.* São Paulo: NESOL-USP: ITCP-USP, 2007. v.2.

MELO NETO, J. J.; , *Cartilha Desenvolvimento Local Sustentável: o exemplo da associação de moradores do conjunto Palmeiras com o Banco Palmas, Fortaleza, Prorenda, 2000.*

MELO NETO, J. J. MAGALHÃES, S. *Bairros pobres, ricas soluções: Banco Palmas, ponto a ponto.* Fortaleza: Expressão Grafica, 2008.

MELO NETO, J. J. MAGALHÃES, S. *Plies, Plano Local de desenvolvimento estratégico: uma metodologia para gerar trabalho em territórios de baixa renda.* Fortaleza: Expressão Grafica, 2003.

RAMADA, C. *Desenvolvimento Local e Urbano: a nível de bairro, cidade e região:estratégias em diferentes níveis interligadas por métodos monetários.[Porto Alegre]: [sn], 2008.*

SILVA JÚNIOR, J. T. *Avaliação de impactos e de imagem: Banco Palmas – 10 anos.* Fortaleza: Arte Visual, 2008.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à minha orientadora Dra. Denise Maria Maia pelo auxílio, disponibilidade de tempo e material, sempre me atendendo com muita amabilidade e me incentivando neste trabalho.

À equipe do Banco Palmas por me recepcionar com cortesia e prestatividade me acompanhando nos diversos projetos do Banco, especialmente por Sandra Magalhães por dispor seu tempo para a entrevista que realizei na ocasião.

À minha família pela compreensão da minha ausência nos diversos momentos em que estava me dedicando ao trabalho.